

**DISCURSO pronunciado na Assembléia Legislativa, em 21 de julho de 1936.**

**O Sr. Carlos Santos** — Sr. Presidente, Srs. Deputados, o requerimento que a bancada classista tem a honra de submeter à apreciação desta Casa, só por si dispensaria qualquer justificação, tal é o asfixiante e quase insupportável momentô que estão vivendo lá fora as classes menos favorecidas, em face da brusca elevação do preço dos gêneros de primeira necessidade, se não nos animasse o desejo, como representante que somos dessas classes, de imprimir se possível pela palavra, embora desalinhada, ainda e mais nos vossos cérebros a urgente necessidade de se estudar e se encontrar mesmo uma forma capaz de dissipar essa nuvem negregada de miséria, de fome e de desespêro, que encobre, aos olhos dos nossos irmãos de luta, os esplendores áureos da alegria de viver.

Foi o Dr. Alexandre Moscoso, Sr. Presidente, ilustre membro da comissão elaboradora do projeto de regulamento da Lei do Salário mínimo, quem escreveu um dia, referindo-se à alimentação: “Para garantir ao individuo resistência às infecções, energias para o trabalho, prolongamento de vida e procriação sadia e forte, é indispensável que se lhe ofereça alimentação suficiente e adequada, assegurando-se, assim, consequentemente, a robustez da raça e a grandeza do país”.

**O Sr. Gageiro Filho** — Muito bem.

**O Sr. Carlos Santos** — E, se considerarmos, Srs. Deputados, o que de justo, de humano e de patriótico encerra essa afirmação e se circunscrevermos as nossas atenções

— 116 —

a uma análise cuidadosa nesse verdadeiro prodígio operado por centenas e centenas de famílias que se vêm mantendo com um regimen de sub-alimentação, repetimos, sem dúvida, ao Rio-Grande-do-Sul, aquela interrogação histórica do apóstolo “Quo Vadis”. Aonde vais, Rio-Grande? Tu que alguém já chamou “celeiro nacional”, tu, Estado produtor entre os que mais o são, se a ronda negra da fome espreita e acena, de tão perto, aos teus laboriosos filhos?

Aonde vais, Rio-Grande? Tu que exportas diariamente, para suprir outros mercados, milhares e milhares de toneladas de gêneros de primeira necessidade, se o que fica para o teu próprio consumo se eleva muito além das possibilidades adquiríveis da exausta bolsa do teu povo.

“Quo Vadis”, aonde vais, Rio-Grande? Se os teus homens, aqueles que indiscutivelmente devem se interessar em resolver a tua situação dolorosa, a dolorosa situação dos teus filhos, cruzarem os braços diante da forma em que vive, ou melhor, “em que morre de fome” a tua população ordeira, laboriosa e boa, mas que não sabe mais como suportar êsse verdadeiro assalto que audaciosamente se vem fazendo à sua bolsa minguada e esfarapada.

**O Sr. Simões Lopes Filho** — V. Ex. dá licença para um àparte?

**O Sr. Carlos Santos** — Com muito prazer.

**O Sr. Simões Lopes Filho** — V. Ex. está pintando um quadro muito pessimista.

**O Sr. Carlos Santos** — Quisera eu que assim o fôsse.

**O Sr. Simões Lopes Filho** — V. Ex. pinta um quadro com côres muito escuras.

**O Sr. Carlos Santos** — Eu diria quase que V. Ex. não pode falar em fome, pois é bem remunerado pelo seu trabalho e não conhece, como eu, a vida do operário.

**O Sr. Simões Lopes Filho** — Eu sou tão bem remunerado quanto V. Ex.

**O Sr. Carlos Santos** — Perfeitamente, embora esteja eu sentado comodamente numa cadeira de Deputado,

não esqueci e bem recordo as misérias dos meus irmãos, miséria que conheço por experiência própria, porque nasci e me criei no meio de trabalhadores.

**O Sr. Gageiro Filho** — Muito bem.

**O Sr. Simões Lopes Filho** — Eu trabalho também como V. Ex. Cada um no seu setor.

**O Sr. Carlos Santos** — Não estou afirmando que V. Ex. não trabalha. Afirmo, apenas, e os meus nobres colegas estão de acôrdo comigo. . .

**O Sr. Simões Lopes Filho** — Ninguém concorda que no Rio-Grande-do-Sul haja quadro de miséria e de fome. E' neste ponto que eu não concordo com V. Ex.

**O Sr. Francisco Correia** — Mas não é isso que o orador está afirmando.

**O Sr. Carlos Santos** (Dirigindo-se ao Sr. Simões Lopes Filho) — Penso que V. Ex. está desvirtuando o fio da minha oração. Digo que os trabalhadores que ganham pouco não sabem mais como enfrentar a alta dos gêneros.

**O Sr. Adroaldo Costa** — O orador está se referindo à alta dos preços dos gêneros, que é mais sentida pelas classes proletárias.

**O Sr. Presidente** (Fazendo soar os tímpanos) — Está com a palavra o Sr. Deputado Carlos Santos.

**O Sr. Carlos Santos** — Creio que como proletário, sou autoridade para falar sôbre êste assunto aquí agora debatido.

**O Sr. Gageiro Filho** — Apoiado.

**O Sr. Adroaldo Costa** — E V. Ex. está falando com tôda a justeza.

**O Sr. Carlos Santos** — Quo Vadis Rio-Grande? E por êle hão de responder milhares de bôcas famintas, de estômagos vazios, de cérebros atrofiados — para o desespero, para a descrença, para a miséria, para a morte.

Homem do trabalho, conhecendo bem cedo as torturas de um proletário, que tem sôbre os ombros a responsabilidade de família, ninguém, Srs. Deputados, melhor do que eu, sente e compreende a desolação do quadro tétrico

pintado, nessa hora, em muitos lares pobres, pelo inexecutável, monstruoso e absurdo regime de perene e forçada abstinência e jejum que vem sendo imposto às classes menos favorecidas. Eu compreendo, Sr. Presidente e Srs. Deputados, muito embora leigo completamente em matéria de negócios comerciais, que o homem que se atira aos azares do Comércio, tem a exercerem sobre si influência decisiva as variações de cotações da bolsa e do câmbio, as oscilações dos mercados, as oportunidades desafogantes das avantajadas procuras, em suma, infinidade de fatores econômicos que atuam diretamente em todos os departamentos da mercantilidade, ainda que eu não saiba se nas horas felizes se estende até o verdadeiro produtor, até aquele que produz, na estrita significação do vocábulo, o sorriso doirado de Mercúrio, o audaz e mitológico provedor dos deuses.

Eu compreendo, porisso, que está na própria ordem natural e econômica o aproveitamento dos bons mercados, que proporcionam melhores lucros a uma classe, mas que essa classe firme os seus lucros, muitas vezes desmedidos sobre a calamidade de uma classe imensamente maior, que é o povo, Sr. Presidente, é simplesmente desumano. E não se diga, Srs. Deputados, que eu estou, aqui, desta tribuna, fazendo literatura, — como afirmou o nobre colega, Deputado Simões Lopes Filho...

**O Sr. Adroaldo Costa** — E' literatura realista.

**O Sr. Carlos Santos** — ... que há nas minhas afirmativas figuras retóricas criadas, apenas, para despertar sentimentalismos, para causar efeitos. Já pela exigüidade dos vencimentos, já pela falta de trabalho, já por fatores outros preponderantes na insuficiência e carência da alimentação das classes operárias, pode-se afirmar que, 80 % do elemento de que elas são formadas come mal, alimenta-se insuficientemente.

**O Sr. Gageiro Filho** — E' isso mesmo. Muito bem.

**O Sr. Décio Martins Costa** — Muito bem. De acôrdo com V. Ex.

**O Sr. Adolfo Dupont** — Perfeitamente.

**O Sr. Carlos Santos** — O ilustre professor Josué de Castro, nos apresenta no seu atualíssimo estudo econômico da alimentação das classes operárias no Recife, uma análise feita em inquéritos preenchidos, sôbre alimentação de 500 famílias, análise essa que com ligeiras modificações é aplicável ao nosso caso.

Alimentação	Número de famílias consumidoras	
	Total	%
Feijão .....	498	100
Farinha .....	500	100
Charque .....	497	100
Café .....	500	100
Açúcar .....	500	100
Pão .....	422	84
Carne verde .....	163	32
Milho .....	124	25
Arroz .....	103	20
Leite .....	97	19
Derivados de leite .....	76	15
Verduras .....	91	18
Frutas .....	78	15
Banha .....	60	12
Bacalhau .....	20	4
Outros alimentos .....	84	16

Daí a conclusão de que a totalidade das famílias operárias consomem feijão, farinha, café, açúcar. Uma grande maioria consome, ainda, pão, e entre nós será charque e arroz, ao passo que de leite, banha, carne verde, frutas e outros alimentos não obstante as suas extraordinárias qualidades nutritivas e indispensáveis à boa alimentação, resente-se, em grande parte, a mesa tosca do trabalhador. Agora, se tomarmos por base a ração tipo brasileira, apre-

— 120 —

sentada, pelo Dr. Moscoso e “estabelecida de acôrdo com os princípios clássicos e fundamentais da ciência de nutrição”. “ração que visa garantir a saúde” teremos para cada operário, como alimentação diária, o seguinte e, isso, ao preço atual dos gêneros alimentícios:

Leite .....	500 grs.	\$400
Café (infuso) .....	300 ”	\$064
Açúcar .....	100 ”	\$110
Pão .....	200 ”	\$280
Carne .....	200 ”	\$220
Batata .....	200 ”	\$090
Legumes .....	300 ”	\$050
Manteiga .....	30 ”	\$015
Frutas (unidade) .....	3 ”	\$100
Feijão .....	150 ”	\$105
Arroz .....	100 ”	\$105
Farinha .....	50 ”	\$015
Banha .....	50 ”	\$175
		<hr/>
Total .....		1\$729

Agora, se aplicarmos no nosso caso o critério que estabelece, para efeito da alimentação, o homem como unidade, a mulher como 86 %, e cada criança como 53 % desta unidade, teremos, pois, numa família de cinco membros, marido, mulher e três filhos, aplicando êsse princípio:

Chefe .....	1\$729
Mulher (86 %) .....	1\$486
Crianças (53 %) = $\$896 \times 3 =$ .....	2\$748
	<hr/>
Total .....	5\$963

Mas, para os que julgarem essa ração digna dos melhores tratados de gastronomia, façamos ainda o que faz em grande parte o operariado e suprima-se o leite, a car-

— 121 —

ne, os legumes, a manteiga, as frutas e a banha e vamos repetir com o professor Castro: “Qualquer pessoa que possua noções gerais de dietética e diante dum regime desta ordem, só tem uma pergunta a formular: Como se pode comer assim e não morrer de fome?” E só há uma resposta a dar, se bem que um tanto desconcertante: “Como? Morrendo de fome”. Não importa que façamos a redução, pois teremos com êsse corte o seguinte resultado:

**O Sr. Adolfo Peña** — V. Ex. dá licença para um àparte?

**O Sr. Carlos Santos** — Perfeitamente.

**O Sr. Adolfo Peña** — V. Ex. poderá me dizer qual o ordenado médio de um operário?

**O Sr. Carlos Santos** — O salário médio de um operário pôde se estabelcer até 8\$000.

**O Sr. Adolfo Peña** — A média é de 12\$000.

**O Sr. Adroaldo Costa** — O salário individual não resolverá a questão. Devemos ter em vista o salário familiar.

(Trocamos-se àpartes simultâneos).

**O Sr. Presidente** (Fazendo soar os tímpanos) — Está com a palavra o Deputado Carlos Santos.

**O Sr. Carlos Santos** — Sr. Presidente, eu afirmei que a média dos salários dos operários era de 8\$000 e lá cheguei, no decorrer do meu discurso.

Como dizia, Sr. Presidente, fazendo a redução, teremos o seguinte resultado:

Café .....	300 grs.	\$064
Açúcar .....	100 ”	\$110
Pão .....	200 ”	\$280
Batata .....	200 ”	\$090
Feijão .....	150 ”	\$105
Arroz .....	100 ”	\$105
Farinha .....	50 ”	\$015
		<hr/>
	Total .....	\$769

— 122 —

Chefe .....	\$769
Mulher 86 % .....	\$661
Crianças $53 = 407 \times 3 =$ .....	1\$221
	<hr/>
Total .....	2\$651

ou seja por mês 103\$530.

que acrescido de mais:

Luz, vela e fósforo .....	\$400
Carvão .....	\$400
Condimentos usuais .....	\$100
	<hr/>
faz o total de .....	3\$451

Tomemos agora por base um salário invejável nos dias que correm, 10\$000 diários e teremos em 26 dias de serviço 260\$000 — 103\$530 = 156\$470 é o que resta para uma família composta de cinco pessoas que comem pessimamente e que, ao invés de se alimentarem, vão gradativamente, suicidando-se, é o que resta, repito, 156\$470 para atender às despesas mensais de habitação, vestuário, transporte e outras pequenas e indispensáveis despesas quando não entra, aí, majestosa e soberba, a farmácia.

**O Sr. Simões Lopes Filho** — V. Ex. da licença para um à parte?

**O Sr. Carlos Santos** — Pois não.

**O Sr. Simões Lopes Filho** — Estou em parte de acordo com a tese de V. Ex. Concordo, mesmo, com ela, e apenas protestei contra a afirmativa de que se morre de fome no Rio-Grande-do-Sul. Foi, repito, contra essa afirmativa de V. Ex. que eu protestei.

**O Sr. Adolfo Peña** — O discurso do nobre orador envolve uma atitude muito digna e simpática. (Apoiados gerais).

**O Sr. Simões Lopes Filho** (dirigindo-se ao Sr. Adolfo Peña) — Eu estou de acôrdo com V. Ex. Acho que a campanha do orador é meritória, entretanto, não posso deixar de protestar contra a sua genérica afirmativa de que se morre de fome no Rio-Grande-do-Sul.

**O Sr. Paulino Fontoura** — Todos nós estamos conjugando esforços afim-de melhorar a situação do operariado. (muito bem).

**O Sr. Gageiro Filho** — Outra coisa não esperávamos de V. Ex.

**O Sr. Carlos Santos** — Embora muito me honrem os àpartes do meu ilustre colega Sr. Simões Lopes Filho, àpartes êsses que veem elevar de mais a minha pobre e mesmo nula palavra (não apoiados gerais); embora, ainda, não me sentindo na altura de respondê-los, atrevo-me, no entanto, a afirmar que morrer de fome não é apenas cair na rua. Morrer de fome é, também, gradativamente, minguar-se fisicamente, cavando a degenerescência da espécie, em detrimento da própria raça e, por consequência, da própria nacionalidade. (Muito bem. Muito bem. Palmas).

**O Sr. Adroaldo Costa** — E' viver morrendo.

**O Sr. Simões Lopes Filho** (Dirigindo-se ao orador) — V. Ex. dá licença para um àparte.

**O Sr. Carlos Santos** — Perfeitamente.

**O Sr. Simões Lopes Filho** — Estamos às ordens de V. Ex. para cooperar com V. Ex. nesta campanha.

**O Sr. Adolfo Peña** (Dirigindo-se ao orador) — V. Ex. teve oportunidade de declarar que reconhecia os honestos e elevados propósitos do Govêrno de amparar com justiça a nobre classe operária.

**O Sr. Carlos Santos** — Perfeitamente. E daí a minha atitude.

**O Sr. Adolfo Peña** — V. Ex. já me declarou isso.

**O Sr. Adroaldo Costa** — Mas o orador não está atacando o Govêrno.

— 124 —

**O Sr. Carlos Santos** — Sr. Presidente, peço que V. Ex. me assegure a palavra.

(Trocam-se à partes simultâneos).

**O Sr. Presidente** (fazendo soar os tímpanos) — Chamo a atenção dos Srs. Deputados que está com a palavra o Deputado Carlos Santos. Se algum dos Srs. desejar falar, poderei considerar inscrito para o fim da sessão.

**O Sr. Carlos Santos** — Não estou atacando o Governo. Penso que a bancada classista nesta Casa, muito embora não tenha compromissos políticos com nenhum partido dos aquí representados, vem, por todos os meios, provando a sua solidariedade, seu apôio e respeito ao Governo constituído. (Muito bem).

**O Sr. Adolfo Peña** — V. Ex. está agindo com brilhantismo.

**O Sr. Carlos Santos** (continuando) — E eu vos pergunto, Sr. Presidente e Srs. Representantes, menos como Deputado do que como brasileiro, do que como operário, pode um homem subsistir a êsse malabarismo estomacal que o maltrata duplamente, no físico, porque o enfraquece, e no moral, porque o faz assistir e cooperar no aniquilamento, na morte dos entes queridos que de si dependem? Que qualificativo daremos a êsse homem, se êle, como é comum neste Brasil imenso, desesperado e faminto, colocando a barriga em plano superior ao cérebro e êste ao coração, descrê e se revolta?

Que patriotismo, que fé, que amor, que esperança pode achar guarida no coração dêsse homem que, impondo a si e à sua família um regime de alimentação fictícia, prepara êle próprio, conciente e dolorosamente, o ingresso e o império da peste branca na sua família e, conseqüentemente, a derribada da paz e da felicidade do seu lar pelas horríveis conseqüências do terrível mal? (Muito bem). E são milhares e milhares de homens assim, Sr. Presidente e Srs. Deputados, que estão exigindo as atenções de VV. EE....

— 125 —

**O Sr. Alberto de Brito** — E hão de ter tōda a nossa proteção.

**O Sr. Carlos Santos** — ...os cuidados e a proteção de VV. EEx., como uma muralha que se há de erguer entre êles e a deshumanidade dos “trusts” dos lucros fabulosos, das fraudes e dos açambarcamentos e, sobretudo, do condenável esquecimento de que o povo precisa comer.

**O Sr. Alberto de Brito** — Muito bem.

**O Sr. Carlos Santos** — A impresa diàriamente traduz, em cartas, reclamações e reportagens, tōda a angústia dos que não sabem mais como poderão enfrentar a vida, quando os preços dos gêneros indispensáveis à subsistência do pobre são pagos pelos que desfrutam melhor situação econômica, sob protestos e até revoltas. E essa angústia, Sr. Presidente, eu vejo, eu sinto, eu compreendo bem, quando vou retemperar, no meio de meus companheiros, as energias gastas nas atividades do meu cargo. Confirmam tōda a miséria que eu expuz a VV. EEx., as reclamações dolorosas que se ouvem nos meios pobres, prova, em suma êsse desespero a própria carestia da vida, no meio da qual se debate, aflitivamente, o operário à espera de uma tábua de salvação.

Sr. Presidente, o requerimento, que a minha banca-  
da tem a honra de submeter à apreciação desta Casa, é  
feito na persuasão de que se dirige a brasileiros dignos,  
a brasileiros patriotas, daí, sua certeza de que terá gua-  
rida por parte de todos os Srs. Deputados da Assembléia  
Legislativa do Rio-Grande-do-Sul.

Vou ler o requerimento:

“Requeremos, com fundamento no disposto na alínea  
b) do artigo 8.º e nos têrmos do artigo 35.º da Consti-  
tuição do Estado, e amparados nas normas expressas nos  
artigos 21.º, 24.º e seu § do Regimento Interno desta  
Casa, a criação de uma comissão temporária, composta  
de oito membros, para especialmente estudar e dar pare-  
cer sōbre urgentes e eficazes medidas que, depois de dis-  
cutidas e aprovadas por esta egregia Assembléia e san-

— 126 —

cionada pelo Governador do Estado, então já convertidas em leis, tendentes a determinar o imediato barateamento dos preços aquisitivos dos gêneros alimentícios de necessidade primária, indispensável à subsistência das laboriosas classes proletárias, em todos os núcleos da população do Estado.

Sala das Sessões, 21 de julho de 1936. (aa.) — **Antônio Gageiro Filho, Carlos Santos, João de Oliveira Castro, Homero Fleck, Carlos Paranhos Araujo, Alexandre Rosa**". (Muito bem. Muito bem. Palmas no recinto, tribunas e galerias. O orador é muito cumprimentado e abraçado.)